

Funai diz que garante posse de terra a índio e espera que brancos não criem caso

Brasília (Sucursal) — A Funai afirmou ontem que continuará envidando todos os esforços para assegurar aos índios a posse legítima de suas terras, de acordo com a própria Constituição do país, e que espera dos brancos — no caso dos xavantes, os fazendeiros — que tenham discernimento e não provoquem quaisquer atritos.

Esclareceu a Funai, também, que a existência de índios antropófagos nas proximidades da Perimetral Norte é baseada em informações existentes há tempos e que a antropofagia deve ser de caráter religioso-tribal, não se podendo considerar como uma advertência aos trabalhadores da rodovia.

Confiança

As declarações do Deputado Gastão Muller (Arená-MT) de que os fazendeiros de Mato Grosso poderiam liquidar com os xavantes em pouco tempo se partissem para a violência, não alarmaram muito a Funai porque seus dirigentes confiam em que os fazendeiros não provocarão atritos que os prejudicarão em todos os sentidos.

Por outro lado, a Funai

adotou em relação aos xavantes providências aconselháveis para um clima de apaziguamento, havendo trabalho contínuo de sertanistas junto aos índios com este objetivo. Quanto à segurança, o delegado do órgão em Cuiabá já pediu o auxílio da Polícia Federal, que mantém um controle da área, principalmente em São Marcos, missão salesiana.

Estatuto

A preocupação de assegurar aos índios as suas terras, garantidas pela Constituição, é a base maior da atual política indigenista, executada pela Funai, que tem esta missão em seus estatutos.

Essa política é executada com maior energia, mas

sem provocar atritos. Agora mesmo estão sendo demarcadas as terras dos xavantes, mas na área do porto indígena Couto Magalhães os trabalhos foram suspensos porque a Justiça concedeu interdito proibitório solicitado pelos fazendeiros.

Antropofagia

Na reunião em Manaus, com os responsáveis pelas firmas que estão construindo a Perimetral Norte, o General Bandeira de Melo, presidente da Funai, a exemplo do que fez quando da Transamazônica, advertiu-lhes sobre a inconveniência de seus trabalhadores internarem-se na mata, pois haveria sempre o perigo de encontrar-se com tribos ainda não pacificadas.

Em relação aos nereyó-nereyanas, tribo ainda não

contactada, a Funai tem informações, mais comentários de outros índios, de que eles adotam a antropofagia, pois acreditam que comendo o corpo de um guerreiro adquirem sua força e inteligência. A antropofagia será, se verdadeira, de caráter religioso, não se temendo que venham a atacar os trabalhadores brancos com o objetivo de devorá-los. A advertência da Funai a respeito foi, portanto, de caráter genérico.

Antropólogo acha que catequista é problema

Belo Horizonte (Sucursal) — O diretor do Museu Nacional do Índio, antropólogo Nel Landi, disse ontem no II Seminário sobre a Realidade Amazônica que a atividade das missões religiosas constitui o "problema mais difícil que a Funai encontra para preservar os valores indígenas."

Para o conferencista o

trabalho dessas missões "violenta todos os padrões culturais dos índios, cria sua marginalização e, conseqüentemente, um quisto ético e uma minoria desajustada dentro do país." Crê que "pode-se perfeitamente preservar a cultura indígena e fazer a sua integração, lenta e cientificamente."

Crenças

Indagado pelo General Severino Sombra sobre as medidas da Funai para preservação dos valores religiosos dos índios, o Sr. Nel Landi declarou-se "cansado de brigar com os missionários" lembrando que há dois meses "todos os jornais e religiosos caíram na minha pele, por causa de uma declaração que fiz sobre o assunto."

— Se a Constituição garante ao brasileiro o livre exercício da religião, por que o índio não pode professar a sua? — argumentou, lembrando a semelhança entre os seus deuses e os deuses cristãos e ressaltando que a Funai não se deixa envolver com as crenças dos grupos, o que "não acontece com os missionários."

Possível

Acha o Sr. Nel Landi possível fazer-se a integração do índio, preservando-se ao mesmo tempo a sua cultura. "Como o japonês aqui no Brasil, que faz abacate sem carvão ou caqui sem semente e que, no entanto, conserva suas tradições." Disse que para o índio o essencial é a terra. Nela está toda a estrutura do grupo.

No momento em que se tira a sua terra, eles morrem até fisicamente. Outro problema, segundo o antropólogo, é a transferência do índio, cuja primeira pergunta, quando o mudam de lugar é "onde está o meu céu aqui na terra?" O céu

deles é o cemitério dos parentes. E as incoerências não param aí, diz o conferencista, lembrando o caso das doações de utensílios de trabalho.

Para o Sr. Landi, troca-se o machado de pedra do índio por um de aço e promove-se "um avanço tecnológico de 3 mil anos." E o índio que, com o machado de pedra, começava a fazer a sua canoa de casca 15 dias antes da época da pesca, gastando muitos dias para retirar a casca do tronco, passa a retirá-la em poucas horas com o machado de aço. Perto do 15º dia, bota fogo na casca, que sequeu fora do tronco e se queima.

Indígenas em Ottawa invadem Ministério

Ottawa, Canadá (AFP-JB) — O prédio do Ministério de Assuntos Indígenas nesta cidade foi ontem ocupado por 20 jovens índios procedentes de todas as províncias do Canadá, obrigando os funcionários da repartição a abandonar o imóvel.

Imediatamente, fortes contingentes da polícia cercaram o Ministério deixando apenas a imprensa ingressar no local. Segundo se informa, os índios preten-

dem permanecer ali durante 24 horas, exigindo do Governo uma resposta às reivindicações territoriais indígenas na colônia britânica, assim como se opõem às obras hidrelétricas em realização na baía James feitas pelo Governo de Quebec.

Segundo os índios, o prosseguimento desses trabalhos resultará na retirada de terras de cerca de 6 mil índios da tribo Cris.

Anápolis pega maconha comprada a silvícolas

Brasília (Sucursal) — A Polícia Federal anunciou ontem a apreensão de grande quantidade de maconha provida da aldeia dos índios Coquimbo, entre Barra do Corda e Grajaú, no Maranhão, tendo a Funai admitido que ainda possa a erva estar sendo adquirida em aldeias indígenas apesar das providências já adotadas.

A maconha foi apreendi-

da em Anápolis em poder do traficante Wilson Vieira Rodrigues, morador em Fortaleza. Em companhia dele estava um menor que já foi encaminhado ao Juizado de Anápolis. Disse a Funai que os antropólogos desse órgão estudam possíveis traumas que poderão advir da proibição do uso da maconha entre os índios.